

## AQUELES DOIS: A (DES) CONSTRUÇÃO DO ETHOS HOMOSSEXUAL EM CAIO FERNANDO ABREU<sup>1</sup>

João Lúcio Xavier<sup>2</sup>

Carolina Carvalho Andrade Pereira<sup>3</sup>

### RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo apontar a questão da relação entre a homossexualidade e o outro por meio da análise do conto “Aqueles Dois” de Caio Fernando Abreu. É feito um breve histórico sobre as noções de homossexualidade e de sujeito homossexual, mostrando que, no Brasil, a heteronormatividade estatal predominante é um dos fatores que consolida e difunde os modelos estereotipados e pré-concebidos pelo imaginário sócio-discursivo da sociedade sobre os homossexuais. O trabalho elenca algumas mostras do modelo arquetípico do homossexual na literatura brasileira como apresentado em “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha, e “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, obras pertencentes ao cânone nacional e que estabelecem a base de contraponto à obra de Caio Fernando Abreu. Discute-se, ainda, sobre como a obra desse autor transgride tal modelo e como se dá a (des)construção do ethos homossexual no discurso de seus personagens. Para tanto, o artigo descreve, pelo ponto de vista da Teoria Queer, a quebra do binarismo hétero/homo na caracterização dos personagens e de sua relação amorosa. A discussão evidencia, por meio dos conceitos de Discursos Constituintes e de Paratopia, as noções de exílio, de entre-lugar e de não pertencimento que norteiam o discurso homossexual. O trabalho estabelece, ao romper com os conceitos já cristalizados na literatura e na sociedade das relações afetivas entre o mesmo sexo, através do fiador, a criação de um novo ethos homossexual.

**Palavras-chave:** Caio Fernando Abreu; Análise do Discurso; Homossexualidade; Ethos; Teoria Queer.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi orientada pela Profa Dra. Emília Mendes e desenvolvida no âmbito da disciplina “Estudos Temáticos de Linguística do Texto e do Discurso: Discursos Transgressivos e Libertários”.

<sup>2</sup> Graduando em Letras – Licenciatura do Português pela Faculdade de Letras da UFMG.

<sup>3</sup> Bacharel em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação da UFMG. Graduanda em Letras - Licenciatura do Português pela Faculdade de Letras da UFMG.

**ABSTRACT:**

This article aims at discussing the question of relation between homosexuality and the other through the analysis of the Caio Fernando Abreu's short story "Aqueles Dois". A brief historical of the notions of homosexuality and the homosexual subject is presented. It shows that, in Brazil, the prevailing heteronormativity State is one factor that consolidates and disseminates preconceived and stereotyped models by the social-discursive imaginary of society about homosexuals. Some examples of the archetypal model of the homosexual in Brazilian literature as "Bom-Crioulo" by Adolfo Caminha, and " O Cortiço" by Aluísio Azevedo - titles that belongs to the national canon – are pointed out like the counterpoint foundation to the work of Caio Fernando Abreu. Also, addresses how the work of this author transgresses this model and how is the (de) construction of the homosexual ethos in the discourse of his characters. For this purpose, through the viewpoint of the Queer Theory, it shows the breaking with the binarism hetero/homo in the description of the characters and their relationship. Through the concepts of Self-Constituting Discourse and Paratopy, the notions of exile, in-between place and non-belonging that guides the homosexual discourse are highlighted. Establishes, by the guarantor, the breaking of the concepts already crystallized in literature and society about same-sex relationship and the creation of a new homosexual ethos.

**Keywords:** Caio Fernando Abreu; Discourse Analysis; Homosexuality; Ethos; Queer Theory.

“A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX”. (LOURO, 2004, p. 29). Não que a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo tenha se iniciado no século retrasado, pelo contrário, há muito existem registros de atividades sexuais envolvendo o mesmo sexo biológico (eram extremamente comuns na Grécia Antiga, por exemplo). Entretanto, o que ocorre é que, durante e após a Idade Média, pelos modelos ideológicos difundidos no ocidente pela Igreja Católica e outras fontes, a homossexualidade era vista como “pecado”, “patologia”, “tentação do demônio” ou simplesmente como a prática condenável – do ponto de vista Bíblico – da sodomia. Apenas no século XIX é que se começa a cunhar o termo que então iria definir os sujeitos e as identidades daqueles que praticavam tal ato.

Longe, porém, de significar uma quebra ao preconceito, o termo foi cunhado de forma pejorativa. Nada mais era que a demarcação de sujeitos “diferentes”,

condenáveis e que, por infringir uma regra e uma norma – a heterossexualidade – mereciam segregação e/ou punição.

A situação iria evoluir um pouco com os estudos da medicina, da psicologia e da psicanálise, que quebrariam alguns preconceitos em relação aos homossexuais, embora fossem comuns estudos de cunho preconceituosos e deterministas, que visavam justificar as “aberrações” desse comportamento. Na própria psicanálise, por exemplo, é comum o uso do termo “invertido” para se referir àqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo. Destarte, tais estudos contribuíram para mostrar que o desejo sexual de um indivíduo independe de sua escolha e que, apesar de não solucionarem o problema do preconceito, pelo menos contribuíram para uma quebra de tabus e um avanço na discussão.

A partir da evolução de tais ideias, bem como da progressiva perda de influência das religiões – causada pelo afastamento entre Igreja e Estado e por conflitos de ordem interna – o preconceito e a segregação foram diminuindo, entretanto, essa diminuição ainda está longe de atingir a maioria da população. O que ocorreu foi o surgimento de dois grupos que, embora opostos, continuam pregando a existência de uma “diferença” entre héteros e homossexuais: “enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade - mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um grupo distinto”. (LOURO, 2004, p. 30)

No Brasil, os homossexuais sofreram perseguição, ainda que velada, durante toda a história e somente no século XX começou a haver uma união entre essas pessoas para a luta e reivindicação dos seus direitos. Um marco nesse processo foi o *Movimento de Libertação Homossexual*, iniciado em 1975.

Com o avanço das discussões em torno dos movimentos homossexuais, ocorreu uma natural reminiscência dessa mudança social nas artes em geral. Como sempre, a literatura não passou despercebida a esses movimentos e tornou-se reflexo e fonte de expressão para tais movimentos. Assim, é válido analisar a literatura produzida sobre o assunto, a fim de verificar as formas como as modificações sociais se manifestam nela e como, nos textos, ocorre a construção das imagens, dos *ethos*, desses grupos.

Exemplo de escritor que aborda tais mudanças e reflete em sua obra – e na construção de seus personagens – as relações homoafetivas, é Caio Fernando Abreu, nascido em Santiago, RS (1948). O contista, cronista e romancista tem como um dos temas preferidos a homossexualidade, entretanto, mais do que a simples abordagem e reafirmação de estereótipos (tão comum na literatura brasileira sobre o assunto), o escritor busca sempre, na construção de suas personagens, analisar os conflitos internos e externos que a sexualidade e o preconceito da sociedade causam nelas. Assim, não sendo um autor panfletário ou militante, Caio utiliza sua arte não com fins pedagógicos ou moralizantes – ainda que uma moral entendida como “desviada” pela maioria – mas sim como meio eficaz de produzir reflexões. Seus contos, antes de explicar ou procurar entender a questão homossexual, problematizam-na. A reflexão eleva-se inclusive ao ponto de, em alguns escritos, criticar a própria definição e a separação da sociedade entre homossexuais e heterossexuais.

Sua obra mais bem resenhada, *Morangos Mofados* (1982), traz em si diversos contos com a temática homossexual, ou alusão a ela, dentre os quais *Sargento García*, *Os Sobreviventes* e *Aqueles Dois*. Este último foi reconhecido desde sua estreia como um marco no gênero conto no Brasil, figurando desde então em diversas antologias – tanto em livros de temáticas homossexuais específicas como em livros de temática geral.

## UM PERCURSO HISTÓRICO SOBRE OS ESTEREÓTIPOS <sup>4</sup>HOMOSSEXUAIS NO BRASIL

O Estado e a sociedade são heteronormativos, ou seja, eles não só valorizam a heterossexualidade como a postulam e a estipulam como norma, como regra, ainda que não esteja explícita em uma constituição, no caso do Brasil, a criminalização da homossexualidade. Tal característica é presente em todas as

---

<sup>4</sup> Para a Análise do Discurso, o estereótipo “constitui um conjunto de crenças e opiniões partilhadas que fundamentam a comunicação e autorizam a interação verbal”, é um “saber de senso comum [...] que varia segundo a época e a cultura”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.215,216)

nações mundiais, em maior ou menor escala, e torna-se clara no contexto social brasileiro, fortemente influenciado pelo pensamento da Igreja Católica. POSSO (2009, p.14) descreve esse panorama:

Embora a sodomia no Brasil tenha sido descriminada em 1830, a homossexualidade foi regularizada por vagos códigos criminais – apoiados pela Igreja Católica – que almejam proteger a decência pública. [...] a repressão da homossexualidade no Brasil vem persistindo com bastante regularidade até o presente como consequência de códigos conluiados nas áreas legal, moral e religiosa. Ensinamentos cristãos tradicionais condenando a homossexualidade como algo pecaminoso e nocivo à estrutura familiar permeou a sociedade brasileira do século XX, e sua influência sobre o discurso do Estado permaneceu inequívoca até mesmo durante a década de 1980, quando as relações entre governo e Igreja estavam em declínio.

Assim, embora no Brasil e na maioria dos governos ocidentais a Constituição defenda o direito de que toda pessoa deve ser respeitada independente de opção sexual, o Estado continua sempre a postular a heterossexualidade, não por meio de leis, mas sim ao ditar aqueles comportamentos sociais que seriam mais adequados. Isso não significa que o governo persiga (fisicamente) os homossexuais ou demonstre preconceito explícito a eles, mas é bastante óbvio que ele, respaldado no discurso das igrejas (e não só a católica) e também no da mídia (por meio da propagação de caricaturas), caracterize o comportamento homossexual de uma forma estereotipada, a fim de alimentar na sociedade um certo desconforto e recusa a esse comportamento. Assim, a partir da imagem que se forma a respeito dos homossexuais no discurso-social, a heterossexualidade acaba por ser valorizada em detrimento da homossexualidade. É importante, entretanto, observar as causas, ou algumas delas, que “justificam” a postura heteronormativa do Estado e alguns dos estereótipos criados.

A criação de estereótipos gays no Brasil passou por alguns estágios. Conforme Posso (2009), até o início do século XX, por exemplo, o termo *homossexual* aplicava-se somente aos homens efeminados – também chamados *bichas* ou *viados* – que supostamente adotavam o papel passivo ou “feminino” nas relações sexuais penetrativas com um parceiro ativo. Assim, criou-se o estereótipo –

que ainda se mantém forte – de que o homossexual masculino é aquele que se comporta como uma mulher, o efeminado ou afeminado. Além disso, é interessante notar que o preconceito aqui é dirigido apenas ao “passivo” da relação, ou seja, só é gay o homem que era penetrado por outro. Aquele a quem cabia o papel “ativo” da relação sexual, estava isento de ser chamado homossexual uma vez que, mesmo se relacionando com outro homem, ele conservava – e desempenhava – seu papel “original” de macho, de “penetração”: “O papel ativo nas relações homossexuais masculinas poderia ser exercido com impunidade, pelo menos presumidamente, uma vez que era considerado incomensurável com a inversão e alinhado ao domínio patriarcal” (POSSO, 2009, p.19).

É importante salientar essa diferença, pois é ela que justifica um dos pressupostos da heteronormatividade Estatal: o machismo. A sociedade foi por muito tempo patriarcal, ou seja, os homens detinham o poder político, social e familiar. Assim, o motivo pelo preconceito aos gays inicialmente seria motivado pela visão do Estado e da sociedade a respeito desse indivíduo. Um gay é aquele que abre mão de seu privilégio masculino de poder, ele prefere se comportar como uma mulher (indivíduo visto como inferior) merecendo assim a retaliação e a condenação da sociedade. O mesmo pensamento pode ser usado para a homossexual feminina, ela é aquela que abre mão do privilégio de se relacionar com o ser dominante, de ser submissa a ele, para se relacionar com outro ser inferior, merecendo assim também a condenação social.

Outro exemplo esclarecedor citado por Posso (2009) é o da prostituição homossexual. O homossexual afeminado (travesti, por exemplo) é muito menos aceito na sociedade que seu correspondente masculinizado, vulgo “michê”, embora nada garanta que um travesti faça apenas o papel de passivo nas relações e o michê o de ativo. O preconceito aqui é realizado apenas pela identificação do travesti com a mulher, e do michê com homem, estabelecendo assim as relações de poder por analogia ao binarismo homem/mulher e, conseqüentemente, à valorização do homem (michê) sobre a mulher (travesti).

Essa primeira visão foi facilmente derrubada com os avanços dos estudos sobre sexualidade e pela “descoberta” e comprovação da existência de casais homossexuais que não obedeciam a esse comportamento. Assim, ao se constatar

que muitos homossexuais não eram afeminados e que, se fossem, essa feminilidade não condizia com o papel que desempenhavam nas relações sexuais, ocorreu uma quebra no modelo e na identificação dos homossexuais. Entretanto, é importante notar que se a visão não corresponde à realidade, ela ainda permanece forte na sociedade como estereótipo do homossexual masculino como o ser afeminado e da homossexual feminina como a masculinizada.

Em contrapartida, longe de significar uma compreensão do Estado e da sociedade para com os gays, tal constatação serviu para exacerbar o preconceito. Posso (2009, p.20-21) assim descreve a nova situação:

No momento em que o “bofe” (homossexual ativo) passa a ser tão desviado quanto a “bicha”, fazendo da homossexualidade algo “entre homens”, em oposição à heterossexualidade [...] seriam levantadas questões no tocante a todas as estruturas da exclusividade masculina ou do privilégio patriarcal –daí o agudo pânico homofóbico que persiste nas instituições brasileiras como judiciário, o corpo diplomático e as Forças Armadas, além do inexorável temor da Igreja.

Assim, uma possível explicação para esse “pânico homofóbico” é que, ao constarem que o homossexual é um homem (e não uma mulher) que se relaciona com outro homem, ele mereceria então uma posição de destaque na sociedade, uma vez que ele é um ser dominante que tem ao seu lado outro ser dominante. Deste modo, o Estado passa a temer sua sobreposição, ou seja, que a homossexualidade masculina vire dominante, o que seria coerente ao princípio de valorização masculina e machista do patriarcalismo. Sendo assim, torna-se necessário, novamente, uma maneira de caracterizar e estigmatizar o comportamento gay, antes que esse “assuma o poder”. E não demorou muito para que um novo estigma fosse criado: a AIDS.

Quando a AIDS surgiu, logo foi associada ao comportamento homossexual. Dessa maneira, foi intitulada como “câncer gay”. A doença era a “marca” da homossexualidade e encarada como punição ao comportamento desvirtuado e imoral. A doença foi assim, durante muito tempo – e ainda é – motivo de preconceito, uma vez que servia para demarcar os sujeitos cujos comportamentos não eram os “moralmente aceitáveis”.

Com a constatação da doença em heterossexuais e o advento de pesquisas médicas que elucidaram a real forma de contágio do vírus HIV, a visão da AIDS como marca homossexual começou a ruir, embora, igualmente ao estereótipo afeminado, ainda persista atualmente.

Dessa forma, embora se verifique um relativo avanço na sociedade brasileira na forma como caracterizam os homossexuais, eles ainda continuam sendo fortemente estereotipados e vítimas de preconceito. Mesmo que as origens dos estereótipos tenham sido combatidas, eles permanecem ativos no imaginário sócio-discursivo.

### **ALGUMAS MOSTRAS DA QUESTÃO HOMOSSEXUAL NA LITERATURA BRASILEIRA**

Os estereótipos gays foram fortemente representados na literatura brasileira. No entanto, embora o tema da homossexualidade tenha se tornado presente em obras mais recentes, os romances e textos mais antigos que abordam a questão tendem a ser fortemente marcados por questões deterministas ou pelos estereótipos sociais dominantes na época.

O primeiro romance dedicado à temática homossexual, reconhecido como pioneiro pela crítica, é *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha. A obra narra o romance entre um negro ex-escravo (Amaro) e um jovem loiro (Aleixo), ambos marinheiros. Entretanto, o caráter estereotipado na obra aparece a todo o momento. Podemos perceber tais traços a partir da distinção na caracterização entre os personagens Amaro e Aleixo. Enquanto o primeiro é descrito como forte – possuidor de uma massa bruta de músculos viçoso e “mais homem”, Aleixo é apresentado como tímido, possuidor de um ar ingênuo da mocidade, com olhos claros de um azul garço e lábios grossos e muito vermelhos (CAMINHA, 2001, p.23).

Enquanto o bom crioulo é associado a figuras viris e másculas, Aleixo é sempre associado à fragilidade e à feminilidade. Observa-se aqui a tentativa de taxar



uma relação homossexual composta por um homem exercendo o papel masculino e um exercendo o feminino.

Outra obra que aborda a questão é o romance *O Cortiço* 1890, de Aluísio Azevedo, que embora anterior a *Bom-Crioulo*, não possui como temática principal a homossexualidade, mas o retrate na passagem da relação entre as personagens Pombinha e sua madrinha Léonie. A homossexualidade aqui é abordada, entretanto, com um viés determinista. Pombinha era a única moradora do Cortiço com boa educação e correta moralmente. Assim, ao se relacionar com outra pessoa do mesmo sexo, a obra tenta mostrar que o ambiente social imoral no qual Pombinha vive acaba por corrompê-la também. Novamente, a homossexualidade é encarada de forma pejorativa.

Na impossibilidade de analisarmos mais obras, ainda que brevemente, ficaremos com essas duas referências de caracterização do homossexual na literatura brasileira, por tratar-se de duas obras canônicas e reconhecidas pela crítica. Consideramo-nas suficiente para estabelecer um contraponto à obra de Caio Fernando Abreu e para verificar de que modo o autor quebra a visão canônica e estereotipada do homossexual na literatura.

## **AQUELES DOIS: UM MODELO TRANSGRESSOR**

Pertencente ao livro *Morangos Mofados*, escrito em 1982 por Caio Fernando Abreu, o conto *Aqueles Dois* tem como tema a descoberta e o início de uma relação amorosa entre dois personagens, *Raul* e *Saul*. A escolha do tema já poderia ser tida como inovadora no panorama da literatura brasileira, uma vez que tal temática, embora apareça no cânone nacional, não é farta ou vasta. Entretanto, a inovação e a transgressão de Caio Fernando Abreu estão muito além do tema escolhido e fica perceptível, de fato, no modo e nas formas encontradas pelo escritor para a elaboração do texto. Assim, antes de ser encontrada no tema da narrativa, a transgressão se manifesta, sobretudo, na forma e no modo como a história é contada e como os personagens são caracterizados.

Se o discurso é transgressor, faz-se necessário antes justificar o porquê de tal transgressão. Assim, fez-se fundamental um breve percurso histórico sobre a temática homossexual na literatura brasileira, ainda que pequena e panorâmica, a fim de estabelecer um contraponto à obra de Caio. A partir dela é que se tornará possível uma comparação entre os modos como os homossexuais eram tratados nos textos e como Caio rompe com esse paradigma em seu conto.

Além disso, mais que justificar o quanto o escritor transgride as normas e o cânone nacional, é importante mostrar que não só o discurso literário é transgredido no conto, mas sim, todo um imaginário sócio-discursivo que constrói, a respeito dos homossexuais e de suas relações amorosas, os mais diversos estereótipos. *Raul* e *Saul* transgridem não apenas os personagens literários gays brasileiros, mas sim toda uma expectativa social que se cria a respeito de sujeitos homossexuais e de comportamentos “típicos” (ou popularmente tidos assim) numa relação amorosa entre dois homens.

É importante ressaltar que, uma vez que ocorre a quebra de estereótipos, torna-se necessário analisar qual é então a imagem construída de tais personagens. Uma vez que eles não se comportam como a maioria de outros personagens homossexuais, é necessário verificar, na enunciação do autor, como ele constrói o *ethos*<sup>5</sup> dos personagens. A desconstrução do estereótipo e a construção do novo *ethos* homossexual são, assim, operações intrínsecas e dependentes. É a partir da nova criação de uma imagem que se tem a desconstrução do velho modelo.

*Aqueles Dois* é um texto que carrega em si várias transgressões, não puramente temáticas, mas também relacionadas à quebra dos estereótipos e à nova construção de um *ethos* homossexual.

---

<sup>5</sup> *Ethos*: Termo emprestado da retórica que designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.220). Neste artigo, o termo será utilizado para definir não a imagem que o locutor faz de si, mas que o locutor constrói sobre seus personagens como um *fiador*. O tema será abordado mais adiante.

## A TEORIA QUEER

Surgida recentemente, em meados dos anos de 1980, a Teoria Queer nasceu como forma de protesto e de contestação em relação aos estudos homossexuais desenvolvidos até então e tem como base os textos de Foucault sobre sexualidade, sobretudo os contidos em *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*. Os novos teóricos tentam mostrar a sexualidade como uma construção social. Muitos criticavam os estudos de identidade homossexual que imperavam na época, pois os julgavam, ironicamente, preconceituosos e excludentes. Louro (2004, p.38) define o termo em inglês que dá nome a teoria da seguinte forma:

*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. [...] Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier.

Dessa forma, fica claro, desde o nome escolhido pelos teóricos para seus estudos, o caráter contestatório da teoria, uma vez que escolhem uma palavra cujo significado pode ser uma “ofensa”, ou uma afronta. É como se os teóricos *queer* se assumissem como “estranhos” e devolvessem, assim, a provocação, de uma forma bem-humorada, ao mostrar que aquela palavra escolhida para ofender o grupo social que é o objeto de estudo da teoria, será justamente a nomenclatura utilizada para definir o novo ramo teórico.

Uma das críticas refere-se a, por exemplo, o modo como os sujeitos gays são encarados nesses estudos. Os teóricos *queer* alegam que os movimentos GLBT's propõem uma inclusão social de seus representantes, mas que ressaltam a todo o momento a diferenciação entre homossexuais e heterossexuais. Esse binarismo será contestado pelos *queer*, pois alegarão que tal limite é insuficiente para classificar as diversas manifestações e comportamentos sexuais dos humanos. Um exemplo muito citado por eles é o do sadomasoquista, que teria sua opção sexual delimitada não pela escolha do sexo do parceiro, mas sim pelo comportamento que

o parceiro terá sexualmente. Além disso, alegam que o movimento GLBT é, muitas vezes, machista, pois concentra sua ação na quebra do preconceito ao homossexual masculino e deixa em segundo plano as mulheres homossexuais.

Assim, a nova teoria concentrará seus esforços no combate aos binarismos da sociedade (homossexual/heterossexual; homem/mulher, etc.) e nos estereótipos e padrões exigidos por essa sociedade. Em relação à exigência social da heterossexualidade, cunha-se o termo heteronormativo, comportamento que será duramente combatido pela teoria.

Assim, julga-se coerente partir da Teoria Queer para a análise do conto *Aqueles Dois* uma vez que alguns conceitos estipulados ou abordados pela teoria (como a heteronormatividade, a quebra e a fuga ao padrão e às normas impostas e os binarismos sociais) mostraram-se pertinentes nas reflexões e pretensões do projeto. Além disso, uma teoria que tem como fim analisar os discursos homossexuais facilita uma análise que tem por objetivo demonstrar a quebra do padrão homossexual em um texto, não sendo necessário, assim, adaptar teorias que possam tratar de transgressões discursivas, mas que não abordem especificamente o discurso homossexual.

## **A QUEBRA DO BINARISMO HÉTERO/HOMOSSEXUAL EM AQUELES DOIS**

A Teoria Queer propõe que o binarismo hétero/homossexual que está presente na sociedade seja quebrado, transgredido. Segundo os teóricos, tal divisão confere ao homossexual um caráter de “oposição”, de ser “o outro”, o menos favorecido e a minoria perante os héteros. Assim, ao negarem a posição inferior e contrária do homossexual, pregam que é preciso antes quebrar o padrão e a norma da dicotomia. Dessa forma, só pode ser realmente transgressor para os *queer* aquilo que não caracteriza os gays como invertidos sociais.

A quebra do binarismo encontra na literatura várias formas de se manifestar. Pelas narrativas, os autores utilizam-se dos mais variados recursos para que seus personagens não sejam vistos como meramente “opostos a uma maioria”.

Em *Aqueles Dois* a quebra do binarismo ocorre na não concretização do amor dos protagonistas. Pela postura do narrado de não marcar nenhuma forma de concretização do ato que os protagonistas estão claramente desejosos, como comprovam as passagens “Como se houvesse entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia.” (ABREU, 2001, p. 441), “Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos.” (ABREU, 2001, p. 445), é que os personagens, embora sejam caracterizados e julgados pelos demais como homossexuais, não o são ainda na concretude. Um deseja claramente o outro, mas não realiza nenhum gesto ou ato, mesmo que o outro demonstre ter a mesma vontade, e deixe claro que haveria correspondência. É possível dizer, portanto, que eles vivem na fronteira do seu desejo, no entre-lugar.

Segundo Louro (2004), a homossexualidade é comumente associada à ideia de deslocamento e de viagem (seja no sentido de excluído, deslocado social; seja no sentido de que ao se assumir como tal o sujeito atravessa um obstáculo). Sendo assim, a autora reconhece que existem alguns que, embora tenham vontade, “se demorem na fronteira” (p.19) e “se abandonam no espaço ‘entre’ dois ou mais lugares, que se deixam ficar numa espécie de esquina ou encruzilhada” (p.19). É fácil perceber que em *Aqueles Dois*, os dois caminhos são a heterossexualidade e a homossexualidade. Raul e Saul, portanto, ao não atravessarem tal “fronteira” e viverem em seu limite, problematizam a questão da homossexualidade como oposição à heterossexualidade, uma vez que mostram que ambas não são lados opostos e conflitantes, mas sim dois caminhos possíveis que se entrecruzam e se comunicam constantemente. Assim, ocorre uma quebra no binarismo, uma vez que uma opção sexual não representa a exclusão total da outra, mas sim que existe um “caminho”, uma “travessia” passível de ser transposta ou não. Além disso, ao não assumirem de fato seu desejo, eles impossibilitam uma categorização. Eles não são héteros, uma vez que sentem atração e amor por uma pessoa do mesmo sexo, mas ao não realizarem seu desejo, embora tudo conspira a favor disso, eles se protegem e se resguardam de serem taxados como homossexuais. A dúvida e o “entre-lugar” que ocupam impedem que eles sejam definidos.

Posso (2009, p. 193) define o “entre-lugar” como aquilo “que mostra como o já-constituído nunca foi exatamente o que tínhamos pensado que era.” Uma vez que não são homossexuais e muito menos héteros, ocorre novamente o confronto com o binarismo heterossexista dominante na sociedade, uma vez que esse não dá conta de classificar a situação dos protagonistas. Cabe aqui também problematizar o título do conto. Embora em uma primeira leitura *Aqueles Dois* refira-se aos dois personagens, Raul e Saul, é perfeitamente possível, dentro da interpretação *queer*, que os *dois* aqui sejam também os dois caminhos, ou seja, as duas opções sexuais possíveis que se entrecruzam no texto de Caio Fernando Abreu. Tal interpretação é realçada pelo uso do pronome demonstrativo *aqueles*, que é um recurso lingüístico que demarca lugar, ou seja, temos aqui também uma metáfora de caminho, de espaço percorrido.

Pela incapacidade de Raul e de Saul adequarem-se aos dois padrões existentes, héteros e homossexuais, e viverem no limite entre elas, é que ocorre a transgressão da norma binária social.

### **EXÍLIO E A HOMOSSEXUALIDADE EM AQUELES DOIS.**

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do norte, do sul, do centro, do leste — e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais, uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade — de certa forma, também em nenhuma outra —, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro. (ABREU, 2001, p. 440)

Assim são caracterizados Raul e Saul: solitários, vindos de outras regiões, vivendo em um “deserto de almas”. A situação dos personagens nos permite associar sua estadia solitária em outro lugar que não aquele no qual nasceram à imagem do exílio. Louro (2004) afirma que é possível associar a imagem dos viajantes nômades e dos exilados aos sujeitos transgressivos de gêneros e de sexualidade. Segundo a autora, “esses sujeitos, frequentemente, recusam a fixidez

e a definição das fronteiras, e assumem a inconstância, a transição e a posição ‘entre identidades’ como intensificadores do desejo.” (p.21,22).

Novamente, surge aqui a figura do “entre-lugar”, na qual os protagonistas se encontram. Expandindo e metaforizando a questão do exílio, é possível afirmar que Caio Fernando Abreu utiliza o isolamento para caracterizar seus personagens representando o isolamento não só físico, mas social a que seus personagens se encontram, por apresentarem uma postura próxima da homossexualidade e problematizando a heteronormatividade. São assim não só exilados físicos ou forasteiros, mas também exilados sociais. A questão do exílio será também desenvolvida adiante, ao se abordar o conceito de paratopia.

#### **DISCURSOS CONSTITUINTES, PARATOPIA E ETHOS - A (RE) CONSTRUÇÃO E BUSCA DE UMA IDENTIDADE EM AQUELES DOIS**

Com os movimentos de liberação sexual, o discurso homossexual (DH), tradicionalmente explorado de forma estereotipada e hermética, tem se tornado – no que tange à Literatura Brasileira – por meio de autores como Bernardo Carvalho, Silviano Santiago e Caio Fernando Abreu, parte daquilo que chamamos de Discursos Constituintes (DC). Os DC, conforme Maingueneau (2008, p. 38) explicita, “dão sentido aos atos da coletividade, eles são garantia de múltiplos gêneros no discurso”. Da mesma forma, os DC possuem, em sua essência paradoxal, a noção indissociável de paratopia, que é este não-lugar próprio, este não-pertencimento à sociedade. O discurso literário, aqui, assume o papel de legitimador das ideias de um autor que, não encontrando respaldo em sua “comunidade discursiva”, alimenta suas obras com suas experiências e problematizações sobre o seu (não) lugar na sociedade. (MAINGUENEAU, 2008).

O DH articula-se como produção simbólica de uma minoria da sociedade. Podemos, inclusive, compará-lo ao discurso político (DP), pois sua operatividade está além da fundação de uma nova instância de autoridade. Assim como o DP, o DH opera sobre um plano diferente: ele se situa na confluência dos DC, sobre os

quais se apoia, já que lida com múltiplos extratos da doxa da coletividade, como religião, ciência, psicologia, etc. (MAINGUENEAU, 2008). Paradoxalmente, ao dialogar diretamente com instâncias contrárias a sua constituição – como o discurso religioso e moralista – o DH se estabelece como essencialmente paratópico, pois, apesar do espaço que tem sido conquistado através de outras manifestações coletivas, ainda permanece como refém de seu próprio domínio.

Retomando a análise do título do conto, *Aqueles Dois*, é possível perceber que essa sensação de não-pertencimento nos é introduzida logo no título. A utilização do pronome demonstrativo “aqueles” cria uma atmosfera de desprezo e sugere um tom pejorativo de um olhar que é marcado com as premissas de um heterossexismo compulsório. E logo nas primeiras linhas do texto, isso se torna mais evidente:

A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como "um deserto de almas". O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído. (ABREU, 2001, p. 439, grifos nossos)

Antes mesmo da apresentação dos personagens, tomamos conhecimento de que eles se sentem excluídos. Da sociedade, do local onde trabalham, daqueles que o cercam, enfim, do “deserto de almas” que os têm acompanhado por toda vida. Essa exclusão é o ponto de partida para toda narrativa que, através do relacionamento que surge entre os dois amigos, discorre sobre a dualidade existente entre o distanciamento da sociedade ao qual estão condenados e a comunhão e identidade que eles encontram na figura do outro.

Não chegaram a usar palavras como "especial", "diferente" ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece, porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las. (ABREU, 2001, p. 439-440, grifos nossos)

No trecho destacado, Raul e Saul, ao serem apresentados, “reconhecem-se”. Em meio a uma sociedade tradicionalmente marcada pela dominação de uma maioria heterossexual, que é cimentada por discursos “autorizados” que são



produtos dessa mesma comunidade, notamos a presença latente de um não-lugar, de um exílio sob o qual cada um deles, errantes de suas origens, havia renegado a si mesmo. Assim, ao distinguirem-se dos demais como “diferentes”, ainda que de maneira inconsciente, descobrem-se iguais. Ora, se somos todos iguais, como distinguir as marcas do DH criado por Caio Fernando Abreu? Para Raul e Saul não existe essa diferença. O conflito permanente entre diversos posicionamentos discursivos é deveras recorrente, e o será em toda narrativa, ainda que de forma subentendida, porém, só encontramos tais marcas através de pistas deixadas pelo narrador a partir do momento que ele se refere ao outro – no caso, o olhar dominado pelo discurso dogmático, homofóbico.

Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo, às sextas, um cordial bom fim de semana, então. Mas desde o princípio alguma coisa - fados, astros, sinas, quem saberá? conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois.(ABREU, 2001, p. 440) (grifos nossos)

Conforme observamos no trecho acima, ainda que algo conspirasse a favor dos personagens, a preocupação com o olhar do outro – comunidade discursiva dominante – é algo que os rodeia, pois, “eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando”. Esse receio denota a importância da imagem criada, e aqui a introdução da noção de *ethos* se faz extremamente necessária.

*Ethos* e enunciação são dois conceitos que caminham juntos. Por meio da enunciação o locutor oferece ao seu alocutário uma imagem de si. O *ethos* muitas vezes não está explicitamente presente no texto, mas nas suas entrelinhas. Através dessa subjetividade é que construímos a imagem objetivada pelo narrador. Podemos perceber que em nenhum momento ele afirma que existe uma ligação amorosa entre os personagens, mas também não nega – ele sugere – o que traz ambiguidade e uma multiplicidade de leituras ao texto.

Nosso locutor (narrador) é aquele que constrói a imagem de outrem (personagens). Na encenação da enunciação o locutor assumirá o papel de fiador,

noção apresentada por Maingueneau (2008, p. 64) como “a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso [...] por meio de seu ‘tom’, atesta o que é dito”. Através do fiador, o *ethos* dos personagens é delineado na enunciação, ganhando caráter e corporalidade.

E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) chamaria, meses depois, exatamente de "um deserto de almas", para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los — ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Tão lentamente que mal perceberam. (ABREU, 2001, p. 440, grifos nossos)

A aproximação dos personagens, logo de início considerada inevitável pelo narrador, é construída de forma natural – duas pessoas com tantas coisas em comum, que em meio à dor trazida pelas eventuais vicissitudes da vida, encontram no outro a resposta para o vazio de cada um – “que mais restava àqueles dois senão se misturarem?” Assim, a paratopia criada através da enunciação estabelecida pelo narrador em terceira pessoa ganha corporalidade através dos personagens. É interessante observarmos que, mesmo com a monovalência do discurso, o narrador neutraliza, através de seu ponto de vista, quaisquer aspectos do relacionamento de Raul e Saul que poderiam ser objeto de julgamento.

Outros filmes viriam, nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro na pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira quando, outra vez, se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta que sequer sabiam claramente ter sentido. (ABREU, 2001, p. 442, grifos nossos)

Aqui, verificamos que as marcas do narrador são essenciais na elaboração do *ethos* de nossos personagens. A relação homoafetiva surge pouco a pouco, “tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável”, através do cotidiano e da descoberta de gostos em comum, enfim, do ato de compartilhar. Através da enunciação, não percebemos nenhum tipo de afirmação que vise o enquadramento de Raul e Saul em algum tipo de categoria. Não são descritos como “afeminados”, “alegres” ou nenhum outro tipo de adjetivo já consolidado pejorativamente no imaginário sócio-discursivo de uma sociedade homofóbica. Também não há a relação pré-estabelecida como um parceiro sendo associado à figura masculina e o outro à feminina, como ocorre em *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. Não há assim a clara estereotipização da relação homossexual, e podemos afirmar que o *ethos* dos personagens construído através do narrador-fiador rompe com as noções previamente aceitas e estereotipadas do homossexual. Ao ir contra tais noções, nosso locutor cria uma imagem diferenciada na percepção do alocutário, um novo *ethos*, que transgride tais concepções pré-concebidas pela sociedade. Além disso, ao contrário de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, a homossexualidade aqui não é taxada de imoral, ou é vista como um produto de um meio deturpado e segregado. Entretanto, é importante destacarmos que, apenas quando visto pelo outro, é que esse *ethos* ganha uma nova forma:

Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas.”(ABREU, 2001, p. 443, grifos nossos)

Ao chegarem juntos no trabalho, de cabelos molhados, Raul e Saul ativam, entre seus colegas, todas as instâncias sócio-discursivas que remetam à homossexualidade. As moças já não falaram com eles e os homens da repartição disseram duas ou três piadas. A partir desse momento, Raul e Saul deixam de ser “os colegas com nomes parecidos” da firma e passam a representar o estranho, o errado, o vergonhoso. Assim, o *ethos* dos personagens torna-se dual – o *ethos*

como construção do narrador-fiador e o *ethos* como construção do outro, da comunidade discursiva dominante – e caberá ao alocutário escolher qual dessas imagens é a realmente idealizada pelo autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Aqueles Dois* é transgressivo em vários aspectos. Isso porque Caio Fernando Abreu rompe os estereótipos do homossexual na sociedade e na literatura brasileira, como pode ser observado pelo claro contraste com *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha e com *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. A homossexualidade em Caio é vista como uma relação perfeitamente normal entre seres humanos, passível de acontecer com qualquer pessoa. O conto também não possui nenhum caráter moralizante ou condenatório, e a homossexualidade não é nunca associada pelo narrador a um comportamento deturpado ou invertido, embora tal visão esteja presente na forma como os demais personagens encaram a relação de Saul e Raul.

O texto de Caio é transgressor também na medida em que problematiza a visão de homossexualidade como oposição e inversão da heterossexualidade. As orientações sexuais passam a ser vistas não como conflitantes, mas como complementares. Raul e Saul, ao assumirem uma posição dúbia e permanecerem na fronteira desse caminho, impedem que sejam categorizados com tranquilidade pelo leitor, seja como héteros, seja como homossexuais. Caio utiliza-se assim da dúvida para mostrar o quão frágil é o binarismo e a heteronormatividade social, e o quanto essa dicotomia (hétero/homo) é fraca e fácil de ser combatida e problematizada.

A desconstrução de estereótipos homossexuais é outra forte transgressão. Assim, Raul e Saul fogem do *ethos* esperado pela sociedade de um casal homossexual, ao não ser possível relacionar a figura de um com o masculino e a de outro com o feminino. Pela voz do narrador, é impossível identificá-los como figuras “afeminadas”, o que contraria o imaginário sócio-discursivo. Entretanto, Caio Fernando Abreu brinca com os estereótipos a todo o momento, na medida em que

insere na narração a visão dos outros personagens sobre Raul e Saul, que mesmo não obedecendo ao padrão homossexual esperado, são vítimas de preconceito e piadas na repartição onde trabalham, uma vez que, embora não sejam caricaturais, as pessoas insistem em vê-los dessa forma.

Caio Fernando Abreu mostra assim o quão complexa é a questão da homossexualidade, e por meio dos mais diversos recursos literários, cria uma obra infinitamente rica, passível de inúmeras reflexões e interpretações, transgressiva nos mais diversos sentidos (literário, social e discursivo).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. *Aqueles Dois*. In: *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Jaraguá do Sul: Avenida, 2005.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário da Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade v.1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSO, Karl. *Artimanhas da Sedução: homossexualidade e exílio*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.